

PANORAMA DE CENAS SEXUAIS DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA PROSA HOMOERÓTICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Dorinaldo dos Santos Nascimento (UFU)¹


Resumo: Propomos, neste trabalho (recorte de projeto de tese em desenvolvimento), uma leitura panorâmica e diacrônica de textos de expressão homoerótica de autores como Samuel Rawet, Gasparino Damata, João Gilberto Noll, Marco Lacerda e Marcelino Freire, cujos personagens configurados no âmbito da prostituição masculina intercambiam sexo e dinheiro. À luz de pressupostos teóricos que compreendem a leitura do texto literário em consonância a aspectos pragmáticos da realidade sociocultural plasmados na ficção, buscamos apontar as relações de poder, negociações de performances sexuais e de gênero imbricadas na constituição de subjetividade das personagens, bem como as representações do labor do sexo vendido no espaço ficcional.

Palavras-chave: Prostituição masculina; Homoerotismo; Literatura Brasileira

A emergência do discurso da diferença no âmbito da Literatura atinente às questões de gênero e sexualidades converge para o diálogo com a agenda política contemporânea acerca da diversidade sexual no tangente à reivindicação ou negação de subjetividades gays, lésbicas, *queer*. Nesse contexto, face aos rumos, trajetórias e desafios da homocultura nos estudos literários - em que pese, ainda, o silenciamento, a invisibilidade e/ou negativização de textos de expressão homoerótica pela crítica e historiografia literárias canônicas -, este trabalho se inscreve enquanto estudo crítico e com viés histórico comprometido com o alargamento de pesquisas envolvendo literatura de temática homoerótica, a qual faz “aproveitamento” de situações e/ou assuntos polêmicos projetados no âmbito narrativo-ficcional, como por exemplo, a representação do submundo da prostituição masculina.

Nessa perspectiva de pesquisa, integralmente fabulado por um narrador heterodiegético, sem diálogos, somente o domínio do discurso indireto livre, o curtíssimo conto *O encontro*, de Samuel Rawet, publicado no livro *Os sete sonhos* (1967), narra o funesto encontro entre dois personagens anônimos: um michê e seu cliente. A história ganha corpo de forma alinear. Intercalam-se narrações a respeito de um homem (o cliente) - que passa o dia em casa se preparando, psicologicamente, para um eventual encontro com um possível desconhecido - com a voz narradora que nos apresenta, também, a figura de outro homem (o michê), um tanto misterioso - pelas pistas textuais indica ser um matador de aluguel.

¹ Doutorando em Estudos Literários (UFU), Mestre em Letras (UFS). Contato: dori.s.n@hotmail.com




Efetivamente, no ápice da história, o michê assassina o cliente numa rua escura, após os dois se entreolharem, caminharem para um local mais ermo. A cena que precede o ato assassino parece meio cinematográfica, pois o cliente segue caminhando seguido pelo prostituto, até que em dado momento da caminhada começa a lançar notas de dinheiro no chão, aos poucos, para que o michê as recolhesse, num gesto que não dispensa a humilhação. Vejamos excerto:

Principiou a tirar o dinheiro que pusera no bolso da camisa, e a soltar as notas uma a uma. Percebia pelas pausas dos passos que o seguiam que o tipo [michê] se abaixava para recolhê-las.... Soltava as notas de cinco em cinco, depois de duas em duas...O tipo encarou-o duro, maciçamente duro, na certeza de que além do trabalho, e além do que havia recolhido, haveria ainda mais pelos bolsos. E mais duro ainda porque era suficientemente sagaz para perceber a humilhação. Foi então que ele deixou cair o último maço de notas no centro da pequena clareira em que se encontravam, a dois passos um do outro. E se aproximou do tipo que o esperava tendo na mão o brilho de uma faca, lâmina larga, dois gumes, e ainda conseguiu abraçá-lo, e beijá-lo antes que um reflexo de prata e sangue lhe tingisse os olhos (RAWET, 1967, p. 25-26).

Nesta arriscada cena, inscrita nas tramas do sexo pago, cujo trecho final da narrativa descreve a interação física que culmina em um abraço e um beijo acompanhados pela lâmina de uma faca que penetra o corpo do cliente, é necessário sublinharmos a dupla erotização manifesta pelos/nos personagens. Primeiro, tem-se a erotização do espaço urbano na contemporaneidade, no qual, segundo Perlongher (1987b, p.61), a rua “revela-se, também, um espaço de circulação desejanter, de errância sexual”, lugar onde prostitutas e homossexuais “exploram, entre outros *flâneurs* libertinos, as possibilidades libidinais do fluxo das metrópoles”.

Há também, a erotização do crime, do ato de matar outro homem por quem o desejo é interdito, resultado da forte mentalidade heteronormativa. Já que o michê dessa narrativa sente o peso ambivalente que oscila nele, do ódio à excitação, do tesão à repulsa. “Ao receber a metade [dinheiro] já o odiava suficientemente. Enrolando as notas no bolso da calça, seus dedos miúdos e endurecidos alisavam a própria coxa e afagavam seu membro entumecido” (RAWET, 1967, p. 23). Desse modo, ao ser contratado, opera nele ao mesmo tempo, a excitação física que oscila entre o desejo irrefreável pelo sexo como outro homem e o desejo de exterminá-lo.

Avançando um pouco mais no tempo, o conto *Paraíba* que compõe a coletânea *Os solteirões* (1975), de Gasparino Damata, narra a história de um jovem michê,



migrante de uma provinciana cidade pernambucana, que complementa a renda de operário mau remunerado com a atividade regular de garoto de programa em um “cinema de pegação” carioca. O conto se desenvolve por meio de um diálogo entre esse jovem protagonista e outro michê, também, oriundo do interior de Pernambuco. Em suma, o conto nos apresenta a motivação da migração do jovem michê para o cenário da metrópole carioca - fuga da vigilância conservadora do seu local de origem para um espaço mais urbanizado no qual é possível vivenciar a sexualidade de modo menos opressor (ERIBON, 2008).


A narrativa descreve, também, o *modus operandi* dos encontros sexuais com clientes e dá relevo, sobretudo, à negociação de performances sexuais e de gênero, bem como a questão da heterossexualidade compulsória vivenciada pelo protagonista:

Outro dia esse mesmo cara apareceu aqui...terminou me fazendo uma proposta: se eu beijasse na boca, se deixasse botar nas minhas coxas, ele me dava cem pratas. Quase aceito... disse para ele voltar depois, ia pensar melhor no assunto...Cem pratas é um bocado de dinheiro, já dá para o sujeito quebrar o galho... (DAMATA, 1975, p. 12).

Depreendemos numa leitura global do conto, que o personagem, no âmbito do discurso, hipervaloriza sua masculinidade, embora suas performances sexuais estejam sujeitas à negociação com o cliente. Abre-se a perspectiva de negociar-se não somente os prazeres do corpo, mas também as identidades subjetivas, de masculinidade e feminilidade.

No conto *Módulo lunar pouco feliz*, presente na mesma compilação de Damata, há um cruzamento de histórias e personagens, todos, imersos no universo da prostituição. É uma narrativa que explora abertamente as vivência de personagens que visam (sobre)viverem da prostituição, especialmente, na modalidade de rua (*trottoir*), explorando recortes que nos evidenciam o perfil do michê, sua escolha pela atividade, a apresentação de uma “rede” de homens que convivem nesse submundo do mercado do sexo e como lidam com seus clientes homossexuais, como os enxergam e são tratados, bem como toca no *modus operandi* dos encontros sexuais entre prostitutas e clientes.

Há a figura do garoto de programa (muito jovem, dezoito anos) desterritorializado, que segue um estilo de vida errante entre cidades e sofre as dores da prostituição de rua. Também, o emblemático michê, Pernambuco, mais velho na atividade do sexo pago, inclusive com uma rotina que lhe garante viver da prostituição




(agenda com telefone de clientes, atendimento em domicílio). O personagem chama a nossa atenção porque representa a situação prototípica do macho viril que alimenta as fantasias das “bichas” afeminadas em torno da ideia de transar com um “homem de verdade” (NOLASCO, 1997). Vejamos como aparece o personagem na narrativa:

[...]tinha braços fortes, roliços, pele clara, dentes perfeitos, cheiro de macho.... Quando andava o material soberbo balançava de leve entre as pernas musculosas ...e as bichas todas se voltavam para olhá-lo, ou paravam e faziam sinal para que se aproximasse [...]. Fazia programa quase todas as noites e contava com uma freguesia certa (sua cadernetinha de endereços tinha para mais de 100 telefones) [...]. Mas não era de fazer concessão, não beijava por dinheiro [...]. Sua especialidade sempre fora bicha, orgulhava-se de fazer qualquer bicha se sentir mulher, mais mulher do que muita mulher (DAMATA, 1975, p. 21-22).

Enquanto “profissional do sexo”, esse michê é representativo, pois ele não comercializa apenas um corpo másculo. Simbolicamente, os clientes, descritos como homossexuais efeminados pagam para realizarem a fantasia de transar com um “heterossexual”, “macho de verdade”, dominador, já que, segundo Parker (1992, p. 74), “o machão incorpora os valores tradicionalmente associados com o papel de macho na cultura brasileira - força e poder, violência e agressão, virilidade e potência sexual”.

No romance “A fúria do corpo” (1981), cujo enredo é alinear e fragmentário, o inominado narrador-protagonista partilha grande parte de sua frenética vivência andarilha, das misérias e da ausência de perspectivas pelas ruas do Rio de Janeiro com sua amada Afrodite, assim nomeada por ele. Em um ritmo irrefreável onde o corpo parece nunca saciado, extravasando sexualidade e êxtase, o andarilho que conduz a narrativa se envereda no mundo da prostituição na tentativa de ajudar Afrodite, que se prostitui numa boate, a pagar o imóvel onde pousavam por um tempo. Em busca de dinheiro, ele se endereça para a Avenida Nossa Senhora de Copacabana (ponto de michês, travestis e prostitutas). Após fazer todo um jogo de sedução, gestos e manipulação do pênis deixando-o ereto, recebe abordagem e proposta monetária de um cliente que o leva para seu amplo e luxuoso apartamento na Delfim Moreira.

Ao som da cantata “Actus Tragicus”, de Bach, o protagonista descreve detalhadamente o ato sexual com o cliente – sua inicial resistência em ser penetrado por um homem, segundo ele a primeira vez; o pensamento no dinheiro e o necessário desprendimento, despudor para ser um “profissional do sexo”, alguém que comercializa



o corpo e precisa atender aos desejos, fantasias de quem está pagando, bem como faz uma reflexão desconcertante acerca da condição de se prostituir em paralelo às formas convencionais de trabalho:


Eu nunca tinha sido puto neste sentido mais ortodoxo da palavra. Puto, ter dado o buraco que tinha em troca de grana, o comprador fez do meu rabo o que bem entendeu, enfiou nele a pica dura, poderia ter enfiado um porco-espinho e eu não poderia reclamar, o comércio é assim, eu estar ali era trabalho, o trabalho cada dia mais difícil na Cidade, entre estar num escritório com ponto batido quatro vezes ao dia e dar o cu não havia dúvida: dar o cu; o cu legítimo, não o cu figurado e sordidamente eufemístico que damos pela vida afora até morrer (NOLL, 2008, p. 107).

Nesse contexto, sob a ótica foucaultiana, o corpo é enredado pelas relações de poder. O filósofo francês destaca a conexão entre o investimento político no corpo e seu utilitarismo econômico: “O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, p. 26). Nesse sentido, o corpo insubmisso do protagonista nolliano se afigura como transgressor dos ditames do trabalho capitalista.

Na noite seguinte, num ato intempestivo, o inominado narrador-protagonista decide ir ao apartamento do cliente do dia anterior oferecer seus serviços sexuais, prontamente aceitos. Nessa segunda vez, além do sexo (novamente narrado em minúcias) conseguem estabelecer um diálogo por meio do qual falam do “sofrer” do cliente até o convite deste para que o recém-michê fique com ele por tempo indefinido. Fato que não ocorre, pois, seu amor por Afrodite é maior.

Em outro momento da narrativa, um pouco mais adiante, o protagonista resolve “brincar” de ser cliente num jogo sexual nos moldes do sexo tarifado. Oferta uns trocados (sob o argumento de comprar cachaça) a um mendigo com pênis avantajado para que ele mostre o órgão genital, palpe sua bunda e por fim, o penetre.

No romance “As flores do jardim de nossa casa” (2007), de Marco Lacerda, o princípio da narrativa nos apresenta o narrador-protagonista, um jornalista, inusitadamente sendo sequestrado em seu próprio apartamento (São Paulo). Um dos sequestradores é o ex-garoto de programa, Benício e suas “vicissitudes como michê” (PERLONGHER, 1987b) - que o jornalista conhecera e convivera durante um período em Belo Horizonte (a serviço de uma editora), há uma década.



Tomamos conhecimento de como se conheceram, da origem e caracterização física e psicológica do garoto de programa, de como se deu sua inserção na prostituição, de sua visão em relação aos clientes, do perfil de cliente (alvo de suas abordagens), de sua trajetória nas modalidades de prostituição (desde a rua, a sauna até vida de gigolô com homens ricos), bem como do abandono do mercado do sexo depois de anos e seu ingresso no submundo da criminalidade como assaltante, de “homem infame” (FOUCAULT, 2006).

A narrativa ganha corpo enquanto o narrador está amarrado a sua cama, às vésperas de completar 40 anos, numa situação-limite correndo risco de morrer. Ele narra suas memórias ao leitor até aquele momento, refletindo sobre a vida, sua homossexualidade, a marcante passagem na infância de abuso sexual sofrido por um professor (determinante na sua formação psíquica), os conflitos familiares, a contato com as drogas, a difícil construção da carreira profissional, viagens internacionais. Enfim, o personagem escava sua memória até o momento presente da narrativa quando já está desesperado, pensando na iminência da morte, surpreendentemente é salvo por uma atitude inesperada de Benício que o deixa livre, embora coloque a cabeça a prêmio em relações aos comparsas de crime.

O romance “Nossos ossos” (2013), de Marcelino Freire é estruturalmente organizado em duas partes, constitui-se de microcapítulos intitulados que se embaralham de maneira alinear e fragmentária. A história é fabulada sob dois planos narrativos: o primeiro, das memórias pueris do protagonista Heleno com a família, cuja infância no sertão pernambucano compreende uma época de sonhos; também, de momentos da juventude, do namoro com Carlos, em Recife, no grupo de teatro, a separação dos dois, o esquecimento do parceiro e o peso da mágoa pelo ex-namorado que o ignorou, as dificuldades de sobrevivência na capital paulistana, a incursão com jovens michês, os passos iniciais e a consolidação na trajetória de dramaturgo.

O segundo plano refere-se ao fio narrativo no tempo presente, na São Paulo cosmopolita, o protagonista, homem de meia idade, já um dramaturgo de sucesso que decide atravessar o Brasil em um carro funerário, levando, para seu último descanso, o corpo de um garoto de programa (Cícero) com quem ele se encontrara diversas vezes.

Nesse íterim, acompanhamos a chegada da notícia do assassinato do michê relatada a Heleno por outro boy de programa (representado na narrativa como

oportunista e interesseiro), a retirada no banco de uma vultosa quantia de dinheiro do protagonista para custear tudo, a ida ao IML, a busca de informações sobre a família de Cícero no interior pernambucano, a necessária aproximação com a travesti Estrela (estava tendo um caso com *boy* de programa assassinado) e as lembranças descrevendo os encontros com o jovem michê.

A narrativa segue seu desfecho de maneira que só sabemos nas passagens finais que, na verdade, Seu Lourenço, o motorista do carro funerário, fez sua travessia pelo país transportando dois corpos, o do *boy* de programa e o de Heleno, que decidiu tirar a própria vida, deixando uma carta com todas orientações em relação ao desejo de ser sepultado na sua terra natal e que todos os bens, direitos da obra, apartamento dele devem ser repassados à família do garoto de programa.

Referências bibliográficas

DAMATA, Garparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. Procópio Abru. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 33 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

_____. A vida dos homens infames. In.: *Ditos e escritos*, vol. 4. Trad. Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006, p. 203-222.

FREIRE, Marcelino. *Nossos ossos*. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

LACERDA, Marco. *As flores do jardim da nossa casa*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

NOLASCO, S. Um homem de verdade. In: CALDAS, Dário (Org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997. p. 13-39.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. 3.ed. Rio de Janeiro. Record: 2008.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best-Seller, 1992.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. Vicissitudes do michê. *Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde*, São Paulo, 4(1), p. 57-71, 1987b.

RAWET, Samuel. O encontro. In: *Os sete sonhos*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

